

O Ministério do Turismo e o Governo do Estado de São Paulo, por meio
da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, apresentam:

*Figuras
da
Dança*

NEYDE ROSSI



SÃO PAULO
COMPANHIA
DE DANÇA

Direção Artística: Inês Bogéa



Neyde Rossi Dedicação plena e amor à dança

Henrique Rochelle

“O bailarino tem que dar tudo e mais um pouco. Tudo não é o suficiente. É o mais um pouco que é o interessante”. Neyde Rossi aprendeu essa lição com uma de suas mestras, Maria Olenewa (1896 - 1965). E levou a sério. Foi primeira bailarina, passou por grandes companhias do país e dedicou uma vida inteira à formação de bailarinos. Gentil, mas séria e exigente, ela continua ensinando o balé e a sua dedicação plena: não dá para fazer mais ou menos.

Nascida em São Paulo, em 19 de julho de 1938, Neyde Celeste Rossi — com “y” mesmo, apesar de até os muito próximos às vezes errarem — gosta da dança desde pequena. Em casa e nas festas da vizinhança do Brás, ela dançava ao som do piano, improvisando, e as pessoas abriam espaço pra ela dançar.

Foi uma tia que notou que ela tinha jeito e gosto para a dança e a levou para estudar balé com a professora lituana Maria Saltenis, aos 6 anos de idade. A indicação de Saltenis veio quase por acaso, numa conversa da tia com uma senhora na plateia do Theatro Municipal de São Paulo.

Saltenis tinha um filho, que já estudava na Escola Municipal de Bailados (atualmente Escola de Dança do Theatro Municipal de São Paulo), e ela incentiva e prepara Neyde para a audição dessa escola, que só aceitava alunos a partir dos 7 anos.

<< [capa] Neyde Rossi, Balé da Cidade de São Paulo - SP, 1978 (foto: Gerson Zanini)

< Neyde Rossi, Escola Padre Anchieta, Dança Húngara, coreografia de Maria Saltenis - SP, 1946 (foto: Acervo Pessoal)



Maria Olenewa era a diretora quando Neyde entra na escola. Ali também ela passa pouco tempo. Em 1947, Olenewa deixa a escola do Teatro e abre um curso particular. Muitos alunos vão com ela, alguns com bolsas de estudos, e Neyde entre eles. Com ela, Neyde estuda até sua primeira aventura profissional, em 1953.

Do dia a dia, fica a imagem do respeito e da importância dos mestres. Na sala, professora e alunos faziam diariamente suas reverências para o retrato de Anna Pavlova (1881 - 1931) — estrela do Ballet Imperial Russo e depois dos Ballets Russes de Serge Diaghilev (1872 - 1929), foi em sua trupe que Olenewa passou uma década dançando antes de se estabelecer no Brasil.

A técnica de trabalho era russa e antiga, anterior às muitas reformulações que consideram os novos estudos sobre o corpo e evitam as lesões dos bailarinos. No entanto, também estimulava o lado artístico: expressividade, emoção, expressão facial, uso dos olhos. Foi ali também que aprendeu a se preparar para todos os papéis de uma companhia, não só aqueles para os quais estivesse escalada: se algo acontece e o diretor precisa de um substituto, essa é a hora de se prontificar, uma oportunidade para assumir novos papéis. Esse regime sério se tornaria um guia da carreira de Neyde Rossi.

Ela dança com o grupo da escola de Olenewa em diversos papéis de solista, se destacando na cena da dança, ainda amadora, de São Paulo. É aos 14 anos que ela presta a audição para o Ballet do IV Centenário, que seria a primeira companhia de dança profissional de São Paulo, criada para as festividades dos 400 anos da cidade.

< Neyde Rossi, Ballet Museu de Arte de São Paulo, Exposição exclusiva Degas, Edifício dos Diários Associados - SP, 1955 (foto: Acervo Pessoal)

Neyde Rossi, Victor Aukstin, Sioma Fantauzzi, Escola de Maria Olenewa. *Les Sylphides*, coreografia de Maria Olenewa - SP, 1951 (foto: George Ivanov) >>





Para sua audição, Neyde escolhe a mazurca de *Les Sylphides*, cheia de saltos e que a intimidava bastante. O chão da sala do exame ecoava com os passos, e ela sai de lá descrente de sua aprovação. Mas acredita que recebeu uma chance do júri. Entre os avaliadores, estava o crítico de dança Nicanor Miranda (1907 - 1990), que acompanhava as apresentações das escolas da época. Neyde recebeu a oferta de contrato como Estagiária de Primeiro Grau, tornando-se a bailarina mais jovem da companhia. De primeira solista a estagiária de primeiro grau, mas com toda a disposição para começar a carreira: dedicação plena e amor à dança.

O Ballet do IV Centenário existiu entre 1953 e 1955. Sua primeira instalação, temporária, foi no Belvedere Trianon, onde hoje fica o Masp. Porém, o prédio tinha problemas estruturais e foi fechado, e o grupo se mudou para o Clube Jaguaribe, num espaço onde a professora Halina Biernacka (1914 - 2005) dava aulas de dança. Finalmente, passaram para as instalações definitivas do grupo, nos dois últimos andares de um prédio da rua Florêncio de Abreu.

O diretor do Ballet do IV Centenário foi o coreógrafo húngaro Aurel von Milloss (1906 - 1988). A encomenda que ele recebeu era a da montagem de quatro programas distintos de obras, e, a cada programa, pelo menos uma criação original seria feita a partir de música e tema brasileiros.

As produções tinham orçamentos e investimentos enormes, materiais importados da Europa, e eram realizadas por grandes artistas brasileiros trabalhando em trilhas sonoras, cenários e figurinos, como Candido Portinari (1903 - 1962), Lasar Segall (1889 - 1957),

< Neyde Rossi, *Julgamento de Paris*, coreografia de Maria Olenewa - SP, 1951 (foto: Tucci)
Neyde Rossi, TV Tupi - SP, 1958 (foto: Acervo Pessoal) >>





Di Cavalcanti (1897 - 1976), Heitor Villa-Lobos (1887 - 1959), Camargo Guarnieri (1907 - 1993) e Francisco Mignone (1897 - 1986).

Quando a companhia estreia, em 1954, Neyde já havia sido promovida de estagiária ao corpo de baile e, depois, a solista. Trabalhava ao lado de grandes nomes da dança, como Lia Dell'Ara (1927 - 2018), Edith Pudelko (1927-1984), Lia Marques (1934 - 2012), Ismael Guiser (1927 - 2008), Ady Addor (1935-2018), Ruth Rachou (1927), Marika Gidali (1937) e Eduardo Sucena (1920 - 1994), numa rotina de trabalho intensa que a faz decidir por deixar seus estudos regulares para se dedicar à dança.

Ela dança doze dos trabalhos do grupo, entre eles *Passacaglia*, a primeira montagem do IV Centenário; *No Vale da Inocência*; *Fantasia Brasileira*; *Cangaceira*; *As Quatro Estações*, no qual passou a um papel de solista em 1955; *Sonata de Angústia*, em que assumiu o papel principal, depois da saída de Edith Pudelko do grupo; e *Ilha Eterna* — sua grande paixão do repertório, em um papel que exigia muito de sua respiração.

Com uma situação instável para a companhia, reflexo de mudanças no cenário político, desde a morte de Getúlio Vargas (1882 - 1954), Milloss retorna à Europa e a bailarina e professora Lia Dell'Ara assume a função de Conservadora do Repertório, em 1955. O conjunto continuaria até dezembro daquele ano, quando foi abruptamente encerrado durante a temporada no Municipal de São Paulo, mas Neyde e outros colegas não chegam a renovar os contratos para o segundo semestre do ano, partindo para um novo grupo, o recém formado Ballet do Museu de Arte de São Paulo.

< Da esq. para a dir., Valeria Moreira, Victor Aukstin, Edith Pudelko, Luiz Brasil, Neyde Rossi, Escola de Maria Olenewa. *Julgamento de Paris*, coreografia de Maria Olenewa - SP, 1951 (foto: George Ivanov)

< Edith Pudelko (centro), Neyde Rossi e Victor Aukstin (à direita) e corpo de baile, Escola de Maria Olenewa. *Julgamento de Paris*, coreografia de Maria Olenewa - SP, 1951 (foto: George Ivanov)

De curta existência, o Ballet do Museu de Arte de São Paulo foi ativo apenas em 1955. Dirigida por Abelardo Figueiredo (1931 - 2009), a companhia tem com maître Ismael Guiser, também saído do IV Centenário, e agora se iniciando como coreógrafo profissional. O grupo teve temporada de estreia no Teatro Maria Della Costa, com cenografia e figurinos de Lina Bo Bardi (1914 - 1992) e Darcy Penteadó (1926 - 1987), e dançou obras de coreógrafos já reconhecidos, junto de criações dos próprios integrantes. Do repertório, Neyde dançou *Mephisto Váltz*, de Maryla Gremo (1908 - 1986), *Choreae*, de Cristian Uboldi, e *Alla Italiana*, de Guiser, entre outras.

Num momento em que a dança em São Paulo ainda experimentava suas primeiras formas de profissionalização, as oportunidades eram poucas e várias empreitadas não duravam muito tempo. Neyde fez parte dessa primeira geração profissional, que precisou desbravar possibilidades e encontrar formas e espaços de trabalho.

Uma dessas formas foi a televisão, que se popularizava e abria espaço para apresentações de dança e inclusão de bailarinos em sua programação fixa. Assim como outros de seus colegas, a partir dessa época Neyde dança em diversos programas, como o *Música e Fantasia* e o *Folias Philips*, do Canal 3, e também na TV Tupi e TV Record.

Com as dificuldades de trabalho profissional em São Paulo, Neyde assina contrato com o Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1956. Mais uma vez, entra na companhia como parte do corpo de baile, mas quando sai dela, ao final do ano, já trabalhava em papéis de solista.

No Rio de Janeiro, vivencia uma época de grandes produções e investimentos: era a resposta da companhia aos avanços da dança

que São Paulo viu nos anos anteriores, com o IV Centenário. Sob a direção do grande coreógrafo Léonide Massine (1896 - 1979) (que a chamava de Medusa), Neyde trabalha com mestres como Vaslav Velchek (1896 - 1967), Igor Schwezoff (1904-1983), Tatiana Leskova (1922) e Consuelo Rios (1923 - 2010). Na companhia, dança e se destaca em obras do repertório clássico, como *Giselle*, *Coppélia* e *Les Sylphides*, além das criações dos mestres da casa, como o *Capricho Espanhol* de Massine.

O sistema de pagamento da companhia, que juntava os salários para pagar de uma vez a cada três meses, dificultava a organização das contas, e, por fim, Neyde decide não renovar seu contrato e volta a São Paulo em 1957. Nesse ano, integra uma nova companhia, agora do empresário Livio Rangan (1933 - 1984): o Ballet do Teatro Cultura Artística. Com o grupo, dança obras de Guiser, como *Três Movimentos*; de Susanna Faini (1933), como *Cinderella* e *Pulcinela*; e uma versão de *Romeu e Julieta* de Serge Lifar (1905 - 1986).

Esse *Romeu e Julieta* ela aprende com o bailarino Milorad Miskovitch (1928 - 2013). Bailarino sérvio radicado na França, Miskovitch tinha experiência com grandes companhias, como o Gand Ballet de Monte-Carlo, e os Ballets de Paris, este último, do coreógrafo Roland Petit (1924 - 2011). Ele vem ao Brasil e dança dentro da temporada do Cultura Artística, na qual a presença de convidados internacionais funcionava como um atrativo para os assinantes, mas também trazia oportunidade de aprendizado para o grupo, causando um intercâmbio de ensinamentos, de estilos de aula e também transmissão de coreografias.

Esse modo de trabalho, em grupos de duração curta, explorando as possibilidades do momento para o desenvolvimento da dança,

continua em 1958, quando Neyde integra o Ballet Amigos da Dança, que tem mais uma vez Guiser como maître e coreógrafo. O grupo tem cenários e figurinos de Darcy Penteado e coreografias como o *Pas de Quatre*, de Anton Dolin (1904 - 1983), remontado por Leskova, *Prelúdios*, de Veltchek, e *Passatempo*, de Guiser.

As incertezas causadas pela instabilidade dos grupos eram diminuídas pela participação em outros trabalhos, como os na televisão. É em uma dessas buscas por onde mais dançar que Neyde é selecionada, junto de outras colegas da TV e do Amigos da Dança, para fazer parte do corpo de baile dos shows de Marlene Dietrich (1901 - 1992) durante sua passagem pelo no Teatro Record, em São Paulo, em 1959.

Da apresentação com a diva, Neyde guarda o nervosismo de antes de entrar em cena e a peculiaridade da situação: não era uma coreografia complicada, especialmente para as bailarinas bem treinadas que compunham o grupo, mas era uma modalidade à qual não estava acostumada, bem estadunidense, de cartola e bengala.

Muito fotogênica, Neyde explora ainda outro espaço de trabalho em algumas campanhas publicitárias, em foto e vídeo, desde 1960. Neste mesmo ano, casa-se com Henrique Carlos Redorat, com quem tem três filhos.

Ali no início dos anos 1960, durante um curto período, abre uma escola de dança junto de Marika Gidali, na esquina das avenidas São João e Duque de Caxias. Desde então, dedica-se ao ensino da dança, mas seu gosto pelo estudo e ensino começa antes. Já na época do IV Centenário, seu interesse pelas formas de se trabalhar o corpo a levam a questionar seus limites pessoais, por exemplo, com os quadris. Decide

restringir o quanto eleva sua perna, enquanto resolve seus encaixes. Essa observação e a forma de investigar e solucionar situações vão criando os princípios da professora dedicada que se tornaria.

Nos anos 1950, a convite de Ismael Guiser, já tinha dado algumas aulas para os grupos de que participam, mas este não era seu foco. O tempo que dedicava ao preparo, às aulas, ensaios e apresentações inicialmente voltaram sua carreira completamente para a execução da dança. Só depois de diminuir e cortar seu tempo dançando é que vai assumir sua vocação para o ensino da dança, amparada, como sempre, por muito estudo.

Antes, se despediria profissionalmente dos palcos, no Theatro Municipal de São Paulo, em 1965. Era um programa televisivo de transmissão ao vivo, e a participação foi mais de uma vez remarcada. Mas Neyde já estava grávida de 5 meses de seu terceiro filho e insistia que a transmissão acontecesse logo, antes que o corpo desse sinais da gravidez. Acompanhada de Ismael Guiser, dançou o *pas de deux de Romeu e Julieta* de Lifar, que aprendeu com Miskovitch.

No ano seguinte, sua colega de IV Centenário, Yolanda Verdier (1936-1983), se torna uma grande influência nessa transição da carreira de bailarina para professora, quando a convida para dar aulas em sua escola. Neyde começa com apenas uma aula por semana e vai aumentando a carga conforme os filhos crescem. Nos anos 1970 passa a se dedicar integralmente à profissão de professora e, para isso, busca conhecimentos e aprimoramentos, especialmente, no campo da formação de professores de balé. Uma de suas influências, que até hoje menciona em aula, é o bailarino e professor estadunidense Alphonse Poulin (1948), com quem estuda



no final dos anos 1970, quando ele trabalhava com o Balé da Cidade de São Paulo.

Atua em diversas escolas, por exemplo, a Cisne Negro, de Hulda Bittencourt (1934). Ela já era professora da escola quando Hulda forma em 1977 a Cisne Negro Cia de Dança. Neyde trabalha como professora desse novo núcleo e também cria trabalhos coreográficos para o início da companhia.

Trabalha também como professora de outras companhias. Em 1978, acompanha o Balé da Cidade de São Paulo em turnê por diversas capitais brasileiras. Mais tarde, também seria professora do Grupo Raça e convidada da Cia de Dança Deborah Colker e até do Nederlands Dans Theater 2.

De 1979 até meados da década de 1980, participa com suas alunas do Ballet Paulista. O conjunto era um grupo formado pelas turmas mais avançadas de diversas escolas de dança, como as de Verdier, Olenewa, Kitty Bodenheim (1912 - 2003), Ilara Lopes (1947) e Maria Helena Mazetti (1926), frequentemente acompanhado de alunos de outras escolas convidadas. Juntos, produziam apresentações além dos tradicionais encerramentos de ano de cada escola, misturando números dos diversos núcleos.

No momento, São Paulo passava por uma explosão de possibilidades de criação moderna e contemporânea. Alguns anos antes, o Balé da Cidade tinha abandonado a linguagem clássica, as companhias que se fundaram desde então também se voltavam ao contemporâneo e o experimento do Teatro Galpão chamava a atenção para uma outra geração de bailarinos, advindos de outras linhagens. As academias de

balé, e esse estágio intermediário, pré-profissional, eram templos onde se preservava e continuava a dança clássica. Os melhores deles trabalhavam num esforço de atualização — tanto em matéria de conhecimentos da prática e das formas do ensino da dança quanto no sentido de atualização dessa arte no mundo contemporâneo — e persistem, algumas dessas escolas e professores, ativos até hoje, como é o caso de Neyde.

Em 1983, participava de uma comissão para a comemoração dos 30 anos do IV Centenário, junto de Yolanda Verdier, e iniciaram a busca por materiais sobre o grupo e possibilidades de apoios e patrocínios. Quando Yolanda vem a falecer naquele ano, assume seu lugar tanto nessa comissão como também na direção da escola onde já dava aulas. Passa três anos dirigindo a escola, mas a rotina burocrática e administrativa não era do seu gosto.

Seu ofício foi a arte e, depois, o ensino. Ensino que se dá pelo desejo de transmissão do conhecimento e das experiências com grandes mestres. Neyde insiste no trabalho do corpo como um edifício bem construído: um elemento apoiado e bem sustentado em cima de outro.

Essa preocupação com as formas de transmissão se reflete na formação dos alunos, mas também na qualificação dos professores, área pela qual se interessa desde quando aprendeu com Verdier os conteúdos de um curso de formação de professores de balé, que sua colega de profissão acompanhara no Canadá.

Junta esse estudo a outros, levando em conta a importância dos conhecimentos sobre postura, da necessidade de compreensão das estruturas e dos aspectos da aula e também do espaço físico da sala, que se somam ao conhecimento pedagógico: o todo faz a combinação

das dosagens adequadas dos exercícios para cada aula — que, na perspectiva de Neyde, não pode ser só uma questão de corpo, precisa tratar de corpo e alma, aprendizado que se refletia já em aspectos das aulas que teve com Olenewa e que tomou para si, com sua expressividade cênica sendo elogiada junto de sua técnica ao longo da carreira.

A memória de Neyde é assustadoramente precisa e frequentemente requisitada. Seu percurso singular por tantos marcos fundamentais da história da dança de São Paulo e sua dedicação tão duradoura à transmissão de conhecimentos a tornam fonte recorrente para a compreensão desse passado e da memória da profissionalização da dança. As lembranças se amparam em um acúmulo de registros desses momentos, em texto e imagens, e na proximidade com esses seus colegas de profissão e história.

Antes da celebração dos 30 anos do IV Centenário, em 1974, os bailarinos já tinham se reunido para comemorar os 20 anos do grupo. Depois, em 1987, acompanhada de Lia Dell'Ara, encontraria mais uma vez o maestro Milloss, na Itália, meses antes de ele falecer, no ano seguinte. Na ocasião, ele escrevia suas memórias, que foram finalizadas pela pesquisadora Patrizia Veroli. Com ela, Neyde colabora por carta, contribuindo com informações sobre o período de Milloss no Brasil.

O grupo do IV Centenário também se encontra duas vezes em 1997. Na casa de Neyde, na ocasião da comemoração dos 70 anos de Ismael Guiser, e depois na casa de Eleonor Orlando, quando o bailarino Juan Giuliano volta ao Brasil. Essa proximidade ao longo das décadas testemunha o coleguismo da profissão, fundado em um momento em que havia tão pouco e quando a insistência na união e na proximidade ajudou a garantir possibilidades para vários.

Neyde foi próxima da dança em todos os sentidos. Tem um lado empreendedor e, em 1990, comprou uma lavanderia da rede Laundromat, que acabou se especializando na limpeza de figurinos e trajes de cena, dada sua familiaridade e atuação entre artistas e estudantes. Em 2014, o estabelecimento deixa a rede e seu novo nome assume a missão que já realizava desde sempre: Lavanderia dos Artistas.

O trabalho da lavanderia segue em paralelo à atividade de ensino da dança. Em várias escolas, mas também em festivais, como o de Joinville, onde é professora convidada dos cursos livres repetidas vezes desde 2003.

Dentro de outro festival, o Festival de Dança de São Paulo, organizado pela Oficina Corpo e Arte, foi homenageada em 2017, emprestando seu nome a um prêmio entregue anualmente dentro do evento competitivo. No mesmo ano, participa também do projeto Mestres da Dança, organizado pelo Espaço 10x21, que cria ocasiões de reconhecimento, homenagem e encontro entre notáveis professores de balé, junto de bailarinos, coreógrafos, professores e empresários.

Neyde Rossi chega em 2020 com 50 anos de carreira como professora e outros tantos de bailarina. Sua história ímpar testemunha um momento incontornável da dança em São Paulo e no Brasil, quando começava a se desenvolver uma profissionalização e a dança passou a ter um reconhecimento como trabalho. Seu impacto, para além de ajudar a traçar esse caminho, também se reflete na formação de incontáveis gerações de bailarinos, vários deles seguindo o caminho profissional que nem existia antes de sua geração. Na conta, uma vida toda de dedicação plena e amor à dança.

Neyde Rossi e Juan Giuliano, Ballet Museu de Arte de São Paulo. Ballet *Mephisto Valse*, coreografia de Maryla Gremo - SP, 1955 (Foto: Acervo Pessoal) >





< Neyde Rossi ajoelhada, ao fundo Ady Addor. Ballet do IV Centenário, Teatro Santana. As Quatro Estações, coreografia de Aurel Von Milloss - SP, 1955 (foto: Acervo Pessoal)

Neyde Rossi, Estúdio de Yolanda Verdier - SP, 1977 (foto: Acervo Pessoal) >>



Neyde Rossi | Cronologia

1938 – Neyde Celeste Rossi nasce em São Paulo, no dia 19 de julho.

1945 – Aos 6 anos, inicia seus estudos de balé com a professora lituana Maria Saltenis. Depois de alguns meses, faz o exame para a Escola Municipal de Bailados, atualmente Escola de Dança do Theatro Municipal de São Paulo, então sob a direção de Maria Olenewa (1896 - 1965).

1947 a 1953 – Quando Olenewa sai da Escola Municipal, segue a professora no curso particular que ela abre. Dança como solista do grupo de Olenewa desde sua criação, participando das diversas apresentações da escola, inclusive no Theatro Municipal de São Paulo.

1953 – Aos 14 anos, faz audição para o Ballet do IV Centenário. Escolhe a mazurca de *Les Sylphides* para a audição e é chamada para uma posição de estagiária de primeiro grau. É a bailarina mais jovem do grupo, trabalhando ao lado de nomes como Lia Dell'Ara (1927 - 2018), Edith Pudelko (1927-1984), Lia Marques (1934 - 2012), Ismael Guiser (1927 - 2008), Ady Addor (1935-2018), Ruth Rachou (1927), Marika Gidali (1937) e Eduardo Sucena (1920 - 1994). Deixa os estudos regulares para se dedicar à dança.

1954 e 1955 – Estreia em 1954 como solista do Ballet do IV Centenário. Neyde dança 12 dos 17 trabalhos apresentados pelo grupo, entre eles *Passacaglia*, *No Vale da Inocência*, *Fantasia Brasileira*, *Cangaceira*, *As Quatro Estações*, *Sonata de Angústia* e *Ilha Eterna*.

1951 - Neyde Rossi, ao centro. No trio à direita, estão Yolanda Verdier, ao lado de Neyde, e Marilena Analdi, na ponta, Escola de Maria Olenewa. *Julgamento de Paris*, coreografia de Maria Olenewa.

(foto: George Ivanov)

1954 - Neyde Rossi e Ady Addor, Ballet do IV Centenário. *Fantasia Brasileira*, coreografia de Aurel Von Milloss

(foto: Acervo Pessoal)



1955 – Neyde deixa o Ballet do IV Centenário no primeiro semestre. Passa a integrar o recém-formado Ballet do Museu de Arte de São Paulo, que duraria até o final do ano. Dirigida por Abelardo Figueiredo (1931 - 2009), a companhia tem com maître Ismael Guiser, também saído do IV Centenário. Neyde dança *Mephisto Valse*, de Maryla Gremo (1908 - 1986), *Choreae*, de Cristian Uboldi, e *Alla Italiana*, de Guiser, entre outras.

A partir de 1955 – Participa, com diversos parceiros e grupos, de apresentações de dança na televisão, em programas como o *Música e Fantasia* e o *Folias Philips*, do Canal 3, e também na TV Tupi e TV Record.

1956 – Muda-se para o Rio de Janeiro, onde integra o elenco do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, trabalhando com Léonide Massine (1896 - 1979), Vaslav Velchek (1896 - 1967), Igor Schwesoff (1904-1983), Tatiana Leskova (1922) e Consuelo Rios (1923 - 2010), entre outros mestres. Dança obras do repertório clássico, como *Giselle*, *Coppélia* e *Les Sylphides*, e criações dos mestres da casa, como o *Capricho Espanhol*, de Massine. Não renova seu contrato para a temporada seguinte e retorna a São Paulo.

1957 – Com o coreógrafo Ismael Guiser, integra o Ballet do Teatro Cultura Artística, do empresário Lívio Rangan (1933 - 1984). Dança obras de Guiser, como *Três Movimentos*; de Susanna Faini (1933), como *Cinderella* e *Pulcinela*; e uma versão de *Romeu e Julieta* de Serge Lifar (1905 - 1986) que aprende com Milorad Miskovitch (1928 - 2013), bailarino da Ópera de Paris que se apresenta com o grupo.

1958 – Faz parte do Ballet Amigos da Dança, que tem Guiser como diretor artístico, maître e coreógrafo. O grupo tem cenários e figurinos de Darcy Penteadó e coreografias como o *Pas de Quatre*, de Anton Dolin (1904 - 1983), remontado por Leskova, *Prelúdios*, de Veltchek, e *Passatempo*, de Guiser.

1959 – Junto de outras colegas que dançavam na TV e no Ballet Amigos da Dança, é selecionada para se apresentar nos shows de Marlene Dietrich (1901 - 1992) no Teatro Record, em São Paulo.

1960 – Casa-se com Henrique Carlos Redorat, com quem tem três filhos.

1960 a 1963 – Faz alguns trabalhos como modelo, em campanhas de vídeo e fotografia.

Início da década de 1960 – Abre uma escola de dança junto de Marika Gidali, na esquina das avenidas São João e Duque de Caxias, que mantém por um ano. Desde então, dedica-se ao ensino da dança como professora, preferencialmente, como freelancer.

1965 – Grávida de 5 meses de seu terceiro filho, dança profissionalmente pela última vez, no Theatro Municipal, num programa televisivo de transmissão ao vivo. Acompanhada de Guiser, apresenta o *pas de deux de Romeu e Julieta* de Lifar.

1966 – É convidada a dar aulas na escola de Yolanda Verdier (1936-1983). Começa com apenas uma aula por semana e passa a se dedicar integralmente à profissão de professora nos anos 1970. Busca diversos conhecimentos e aprimoramentos, notavelmente no campo da

1955 - Neyde Rossi em montagem com Juan Giuliano, Ballet Museu de Arte de São Paulo. *Mephisto Valse*, coreografia de Maryla Gremo (foto: Acervo Pessoal)



1957 - Adriano Amaral e Neyde Rossi, Ballet Teatro Cultura Artística, Estúdio de TV (foto: Acervo Pessoal)



1957 - Da esq. para a dir., Marika Gidali, Marisa Magalhães, Yolanda Verdier e Neyde Rossi, Ballet Amigos da Dança. *Pas de Quatre*, de Tatiana Leskova (foto: Acervo Pessoal)



1960 - Da esq. para a dir., Yolanda Verdier, Penha de Souza, Neyde Rossi, Geralda de Almeida, ao centro Yoko Okada, Ballet Amigos da Dança (foto: Acervo Pessoal)



formação de professores, reproduzindo e transmitindo aquilo que aprende tanto em aulas como em cursos de capacitação.

1974 – Participa de jantar de celebração do aniversário de 20 anos do Ballet do IV Centenário.

1977 – Já era professora da escola de Hulda Bittencourt (1934) quando é criada a Cisne Negro Companhia de Dança. Trabalha como professora desse novo núcleo, criando também trabalhos coreográficos para o início da companhia.

1978 – Coreografa *É Preciso Inundar o Corpo de Ar e Luz*, dentro do espetáculo *Hoje*, dos Ballets Ismael Guiser. No mesmo ano, participa de turnê com o Balé da Cidade de São Paulo, por capitais do Brasil, como professora da companhia.

A partir de 1979 – Torna-se professora da escola de Kitty Bodenheimer (1912 - 2003).

1979 até meados da década de 1980 – Suas alunas participam do Ballet Paulista, conjunto formado pelas turmas avançadas das escolas de Verdier, Olenewa, Bodenheimer, Ilara Lopes (1947) e Maria Helena Mazetti (1926) — junto de outras escolas convidadas —, que fazia apresentações além daquelas de final de ano de cada escola.

1983 – Participa da Comissão para a comemoração dos 30 anos do Ballet IV Centenário e, após o falecimento de Yolanda Verdier, assume a coordenação desta atividade, buscando materiais do grupo, além de apoios e patrocínios.

1983 a 1986 – Também em decorrência do falecimento de Yolanda, assume temporariamente a direção de sua escola de dança por três anos.

1987 – Reencontra Aurel von Milloss em Roma, acompanhada de Lia Dell'Ara, meses antes do falecimento do mestre em 1988. No momento, ele escrevia suas memórias, que foram finalizadas pela pesquisadora Patrizia Veroli. Por carta, Neyde contribui com a autora com informações sobre o período de Milloss no Brasil.

1990 – Empreendedora, compra uma lavanderia da rede Laundromat. Se especializa na limpeza de figurinos e trajes de cena.

1997 – Em sua casa, faz uma comemoração para o aniversário de 70 anos de Ismael Guiser, em janeiro, reunindo vários membros do Ballet do IV Centenário. Em novembro, o grupo volta a se reencontrar, na casa de Eleonor Orlando, quando Juan Giuliano, bailarino do IV Centenário e posteriormente étoile do Ópera de Paris, volta ao Brasil.

1999 – É assistente de coreografia do espetáculo D/Brasil 500 Anos, de Ismael Guiser, apresentado no Sesc Vila Mariana.

A partir de 2003 – É convidada repetidas vezes como professora dos cursos livres do Festival de Dança de Joinville.

2014 – Sua lavanderia deixa a rede Laundromat, passando a se chamar Lavanderia dos Artistas, apelido que já recebia dos colegas e clientes.

1974 - Reunião pelos 20 anos do Ballet do IV Centenário na casa de Yolanda Verdier (foto: Acervo Pessoal)



1985 - Neyde Rossi e Kitty Bodenheimer, Studio Kitty Bodenheimer (foto: Acervo Pessoal)



1987 - Neyde Rossi, Aurel Von Milloss e Lia Dell'Ara. Casa de Aurel Von Milloss (foto: Acervo Pessoal)



1997 - Aniversário de Ismael Guiser, Casa de Neyde Rossi (foto: Acervo Pessoal)



2017 – É homenageada pelo Festival de Dança de São Paulo, organizado pela Oficina Corpo e Arte, emprestando seu nome para um prêmio, entregue anualmente dentro do festival competitivo.

2017 e 2018 – Participa do Programa *Mestres da Dança*, do Espaço 10x21.

2020 – Dá palestra dentro da Semana Dança Solidária, do Portal MUD, sobre o Ballet do IV Centenário. Faz parte do quadro de professores das escolas La Fille Dance Academy, Pavilhão D, e Bravo Ballet.

Henrique Rochelle é professor colaborador do Departamento de Artes Cênicas da USP, pós-doutorando na Escola de Comunicações e Artes da USP, doutor e mestre em Artes da Cena pela Unicamp, bacharel em Estudos Literários pela Unicamp e especialista em Mídia, Informação e Cultura pela USP. É redator da Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, editor dos sites Da Quarta Parede e Criticatividade e colabora com o Portal MUD.

2012 - Neyde Rossi sentada ao centro, encerramento do Studio Kitty Bodenheim (foto: Acervo Pessoal)



2018 - Arilton Assunção (diretor e coreógrafo do Grupo Faces Ocultas) com Neyde Rossi, Curso de Férias (foto: Acervo Pessoal)





Neyde Rossi, Escola de Maria Olenewa (1951)
Foto: George Ivanov



Neyde Rossi, Escola de Maria Olenewa.
Mozartiana, coreografia de Maria Olenewa (1952)
Foto: Acervo Pessoal



Neyde Rossi, TV Tupi - RJ. (1956)
Foto: Acervo Pessoal



Neyde Rossi, Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, *O Lago dos Cisnes* (1956)
Foto: Acervo Pessoal



Neyde Rossi, Ballet do IV Centenário. *Fantasia Brasileira*, coreografia de Aurel Von Milloss (1954) Foto: Elizabeth Sewell



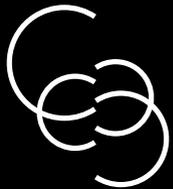
Neyde Rossi, Ballet Museu de Arte de São Paulo (1955) Foto: Acervo Pessoal



Neyde Rossi, Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (1956) Foto: Acervo Pessoal



Neyde Rossi, Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, *Coppélia* (1956) Foto: Acervo Pessoal



SÃO PAULO
COMPANHIA
DE DANÇA

DIREÇÃO ARTÍSTICA INÊS BOGÉA

É uma companhia que dança de ponta a ponta, seja pelo variado repertório, que vai do clássico ao contemporâneo; seja pela diversidade dos programas, que abrangem Produção Artística e Circulação de Espetáculos; Programas Educativos e de Sensibilização de Plateia; e Programas de Registro e Memória da Dança. Criada pelo Governo do Estado de São Paulo em 2008, a SPCD, dirigida por Inês Bogéa, busca uma conexão com a plateia pela paixão, curiosidade e percepção do mundo da dança em movimento. Desde que foi criada produziu 68 coreografias, realizou mais de 1.000 espetáculos e foi vista por mais de 762 mil pessoas. A SPCD também produziu mais de 45 documentários sobre dança e publicou 7 livros de ensaios.



2014



2013



2012



2011



2010



2009



2008



2015



2016



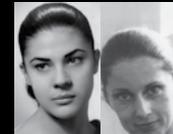
2017



2019



2020



Figuras da Dança

A dança tem muitas histórias e para revelar um pouco delas a Companhia criou a série de documentários *Figuras da Dança*, que traz para você essa arte contada por quem a viveu. A série conta hoje com 37 episódios: Ismael Guiser (1927-2008), Ivonice Satie (1950-2008), Ady Addor (1935-2018), Marilena Ansaldo, Penha de Souza (1935-2020), Ruth Rachou, Luis Arrieta, Hulda Bittencourt, Tatiana Leskova, Angel Vianna, Antonio Carlos Cardoso, Carlos Moraes (1936-2015), Décio Otero, Márcia Haydée, Sônia Mota, Ana Botafogo, Célia Gouvêa, Lia Robatto, Marilene Martins, Ismael Ivo, Edson Claro (1949-2013), Hugo Travers (1932-2019), J.C Violla, Cecília Kerche, Eva Schul, Janice Vieira, Eliana Caminada, Mara Borba, Jair Moraes (1946-2016), Paulo Pederneiras, Nora Esteves, Maria Pia Finocchio, José Possi Neto, Aracy Evans, Tíndaro Silvano, Neyde Rossi e Gisèle Santoro. Os documentários foram codirigidos por Inês Bogéa e Antonio Carlos Rebescos (2008), Sérgio Roizenblit (2009) e Moira Toledo (2010). Desde 2011, têm direção de Inês Bogéa.



SÃO PAULO
COMPANHIA
DE DANÇA

EXPEDIENTE 2020

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

JOÃO DORIA

Governador do Estado

SÉRGIO SÁ LEITÃO

Secretário de Cultura e Economia Criativa

CLÁUDIA PEDROZO

Secretária-Executiva de Cultura e Economia Criativa

ASSOCIAÇÃO PRÓ-DANÇA

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente | Ricardo Uchoa Alves de Lima

Vice-presidente | Rachel Coser

Membros | Ana Grisanti de Moura, Andrea Calabi, Celso Curi, Daniel Reça, Danilo Santos de Miranda, Eduardo Toledo Mesquita, Eduardo Saron, Elisa Marsiaj Gomes, Eugênia Gorini Esmeraldo, Fernando José de Almeida, Flávia Regina de Souza Oliveira, Gioconda Bordon, José de Oliveira Costa, Letícia Forattini Martins, Luciano Cury, Maria Cristina Frias

CONSELHO FISCAL

Presidente | Helio Nogueira da Cruz

Membros | Iside Maria Labate Maiolini Mesquita | José Carlos de Souza | Eduarda Bueno (suplente)

CONSELHO CONSULTIVO

Presidente | Rodolfo Villela Marino

Membros | Anna Beatriz Galvão, Dolores Prades, Eric Alexander Klug, Flávia Kolchraiber, Jorj Petru Kalman, José Fernando Perez, Lygia da Veiga Pereira Carramaschi, Maria do Carmo Abreu Sodré Mineiro, Ricardo Campos Caiuby Ariani, Walter Appel

ASSOCIADOS

Membros | Ana Grisanti de Moura, Arnaldo Vuolo, Debora Duboc Garcia, Eduardo Toledo Mesquita, Eduardo Saron, Elisa Marsiaj Gomes, Eric Alexander Klug, Eugênia Gorini Esmeraldo, Fernando José de Almeida, Gioconda Bordon, Henri Philippe Reichstul, Inês Vieira Bogéa, Jorj Petru Kalman, José de Oliveira Costa, José Fernando Perez, Luca Baldovino, Luciano Cury, Lygia da Veiga Pereira Carramaschi, Maria do Carmo Abreu Sodré Mineiro, Ricardo Campos Caiuby Ariani, Ricardo Cavalleri Guimarães, Ricardo Uchoa Alves Lima, Rodolfo Villela Marino, Suzana Maria Salles França Pinto, Walter Appel

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

DIREÇÃO

Inês Bogéa

SUPERINTENDÊNCIA

Luca Baldovino | José Galba de Aquino

ENSAIO

Gerente de Ensaio | Milton Coatti

Professoras Ensaioadoras | Beatriz Hack Canabal, Duda Braz

Professor | Lars Van Cauwenbergh

Bailarinos | Alan Marques, Ammanda Rosa, Ana Roberta Teixeira, Artemis Bastos, Beatriz Paulino, Bruno Veloso, Carolina Pegurelli, Cecília Valadares, Daniel Reça, Diego de Paula, Geivison Moreira, Hiago Castro, Joca Antunes, Leonardo Pedro, Letícia Forattini, Luan Barcelos, Luciana Davi, Luiza Yuk,

Créditos do livro

Projeto gráfico: Mayumi Okuyama | Diagramação: Rafael Rojas

Todos os esforços foram feitos para identificar a autoria das imagens deste livro. Caso reconheça a autoria de quaisquer das imagens não creditadas, por favor, contate-nos pelo email: memoria@spcd.com.br.

< Neyde Rossi, Ballet Museu de Arte de São Paulo. Ballet *Mephisto Valse*, coreografia de Maryla Gremo - SP, 1955 (foto: *Acervo Pessoal*)

< Neyde Rossi, TV Tupi - RJ, 1956 (foto: *Acervo Pessoal*)

< Neyde Rossi, Ballet do IV Centenário. *Fantasia Brasileira*, de Aurel Von Milloss - SP, 1954 (foto: *Elizabeth Sewell*)

[contracapa] Neyde Rossi - SP, 2012 (Foto: *Acervo Pessoal*) >>

Marina Peña, Mateus Rocha, Matheus Queiroz, Michelle Molina, Nielson Souza, Otávio Portela, Poliana Souza, Renata Peraso, Thamiris Prata, Vinícius Vieira, Yoshi Suzuki

Pianista | Rosemary Sandri Pavanelli

Auxiliar de Ensaio | Poliana Ferreira

PRODUÇÃO

Gerente de Produção | Antonio Magnoler

Gerente Técnico | Luiz Antônio Dias

Produtor | André Souza

Assistente de Produção | Renato Tado Oliveira

Técnico de Som | Rodolfo Paes Dias

Iluminador | Nicolas Marchi

Assistente de Palco | Espedito Peixoto dos Santos

Camareira | Edmeia A. Evaristo dos Santos

EDUCATIVO, COMUNICAÇÃO E MARKETING

Coordenadora de Marketing | Rita Pimentel Thomazi

Coordenadora de Comunicação e Educativo | Amanda Queirós

Analista de Comunicação e Educativo | Laís Colombini

Auxiliar de Educativo | Jonas Gouveia

Diagramador | Rafael Alves Silva Ortiz Rojas

Estagiária | Isabel Marinho

MEMÓRIA

Coordenador | Charles Lima

Auxiliar Audiovisual | Rafaela Zavisch Araújo

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo-Financeiro | Marcio Tanno

Coordenador Administrativo-Financeiro | Anderson Paulo de Brito

Assessora de Direção | Melinda Grienda Sliominas

Analista Administrativo-Financeiro | Ana Sarah de Lima

Assistentes Administrativo-Financeiro | Carlos Soares | Jeferson de Souza Dias

Arquivista | Priscilla Baptista Casas

Auxiliar Administrativo-Financeiro | Ivani Melo

Auxiliar de Serviços Gerais | Neide dos Santos Nery

Aprendiz | Cinthia Ribeiro

COLABORADORES

Consultorias Jurídicas | Bolonhini & Carvalho Sociedade de Advogados | Barbosa, Pontes e Gaetner Advogados

Contratos Internacionais | Olivieri Associados

Contabilidade | Quality Associados

Fisioterapia | Clínica Reactive

Website | VAD – Projetos Multimídia

AGENTES INTERNACIONAIS

Meinrad Huber | Ecotopia Dance Productions

Guy Darmet | Guypanema Promoções Artísticas

Offer Zaks | Oz Productions



PATROCÍNIO



FUNDAÇÃO DE AMPARO À CULTURA



rede
uma empresa Itaú



CDF.

PRODUÇÃO



FINALIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO
PRO-DANÇA
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA



SÃO PAULO
COMPANHIA
DE DANÇA

Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL